

se lhe afigurava mesquinha toda a sua obra, lhe parecia vã toda a sua gloria!... Que lhe importavam uma e outra, se nem mesmo nelas podia achar um refugio para a sua dôr? A immortalidade que ainda em vida tinha conquistado, os seus triunfos, o seu genio—tudo isso eram castelos de cartas, nuvens de fumo, ilusões douradas. A realidade era outra, bem outra. Só ela — a realidade temivel — lhe surgia por defronte dos olhos como um baluarte adamantino, resistente aos gigantes e aos milenarios.

Monforte não queria pois trabalhar, e muito menos esquecer, visto que a recordação ainda era o seu unico alivio. Peregrino doloroso, vagabundeava incerto pelos vastos aposentos agora solitarios, frios, desconfortaveis. Demorava-se manhãs inteiras no quarto de Leonor; abria as grandes gavetas cheias da sua roupa. Contemplando essas

sêdas, esses linhos, essas rendas, esses laços — toda essa espuma capitosa e frivola—o corpo vibrava-lhe sacudido num calafrio arripante, onda electrica de angustia que lhe partia o coração. As lagrimas afluíam torrenciais—lagrimas que vinham bem do fundo da alma, que eram o pungir sagrado e horrível da maior dôr humana.

Mas isso mesmo é que que elle queria: sofrer muito, muito, com o perfil perdido da morta galante materializado na sua frente. De maneira que no seu pranto, embora angustiosissimo, havia tambem qualquer coisa de suavizador. Imóvel, chorava largo tempo e por fim, levava aos labios um feixe dessas roupas intimas, perturbadoras, donde se desprendia, estonteante, um perfume loiro a mocidade e a carne. Beijava-as, sofregamente as beijava, numa ansia, num deli-

rio tal, que mais parecia de luxúria que de dôr...

Todas as tardes — conforme era o costume da filha — sempre na mesma obsessão, o dramaturgo saía de automovel a dar pelos arredores da cidade os passeios preferidos da morta.

Assim tinham decorrido dois meses quando uma noite declarou a Paulo que resolvera partir para uma grande viagem ao estrangeiro. Alegrou-se muito o Doutor: «Cobrava animo o seu amigo — pensou —. Estava salvo da loucura. Decidira-se finalmente a espairecer». Engano total. Era uma viagem de martírio, um calvario de paixão que Monforte encetava: Ele queria evocar a imagem de Leonor em novos panoramas, queria percorrer todos os scenarios onde alguma vez a fada gentil exuberara radiosa, cheia de vida, sonhando amores...

VI

Numa noite de chuva, sem estrelas, pesada e abafadiça, desceu Monforte do *Sud-Express* na estação do Quai d'Orsay. Inconscientemente, deixou que um carregador lhe collocasse as malas num trem; saltou para a caruagem e mandou-a seguir para o Grande Hotel.

Pelo caminho, ouvindo o barulho monótono da chuva a fustigar as vidraças do fiacre, iam-lhe deslizando por defronte dos olhos todas as épocas da sua vida em que entrara na cidade imensa. A primeira vez — lembrava-se muito bem — ainda não tinha nove ános; fôra pela Expo-

sição de 78. Ah! como batera as palmas, como saltara e rira quando o pai lhe anunciara essa viagem... Êle, que tantas vezes pelos largos tristonhos de Lisboa, á força de imaginação, se julgara atravessando as praças rutilantes das grandes capitais europeias — ia agora conhecê-las, devorar leguas, dormir noites nos comboios!... E a sua fantasia, em sonhos acordados, voava de Paris a Londres, a Viêna, a Roma, a Petersburgo...

Oh! a idade venturosa da infancia! Onde ha outra mais feliz e mais tranquila, mais sorridente—isto é, mais egoista?... Em volta de nós podem succeder as piores catastrofes. Se elas nos não arrancam nem os brinquedos nem os bôlos, não nos atingem de forma alguma... não as compreendemos sequer... Quando muito, correm-nos lagrimas vendo chorar as nossas

mães. No entanto, é só ainda vagamente que percebemos a dôr humana. Por isso as nossas lágrimas secam depressa diante dos brinquedos. E se o quadro em que nos agitamos é risonho, a infancia transforma-se-nos então num jardim maravilhoso. Para as crianças felizes, só para elas, existe realmente um céu—o céu dos seus primeiros ânos.

Eis porque, saudosissimo, o dramaturgo evocava hoje os seus nove ânos. Naquêle tempo o cerebro mal se lhe começava a abrir á luz da intelligencia. Mas que importava isso, se era tão completa a sua felicidade, se os dias deslisavam tão alegres, se para êle não havia nem cuidados nem ambições?...

Nessa viagem tudo o maravilha. E fôra, em Paris, a multidão atravancando as ruas cheias de trens e de omnibus, as montras fantasticas dos bazares encantados, as confeitarias

a abarrotar de guloseimas exquisitas... os mil pavilhões repletos de coisas lindas, os soberbos palácios da feira colossal e riquíssima que era a Exposição...

Após o desastre de 70, a França — a grande corajosa — batia asas novas, asas triunfais já robustas e emplumadas. Haviam-lhe sarado as feridas; ia de novo cortar o azul. Nos rostos franceses pairavam sorrisos jubilosos, brilhavam clarões de orgulho. Pelos olhos dos seus filhos, toda a patria anunciava ao mundo estupefacto a gloria inaudita dum ressurgir admiravel.

...E fôra a primeira vez que andara nas montanhas russas... que tivera a caixa de tintas enorme dos seus sonhos...

.....

Quando voltara a Paris, ia nos dezasseis ânos; a sua carne despertava para o amor. O que o maravilhara então, tinham si-

do as mulheres esplendidas que via nos teatros, cobertas de joias, amplamente decotadas; que jantavam nos grandes restaurantes; que percorriam o Bosque em soberbas equipagens. Ah! com que prazer infinito não misturaria o seu corpo todo nu aos corpos despídos dessas criaturas de sonho... E, mesmo, que horas inefáveis não passaria com uma dessas raparigas tão galantes que, á noite, circulavam em chusma pelos boulevards... O sabor estranho que haviam de ter os beijos daqueles labios pintados, as caricias daquêles seios agudos tremendo mal escondidos, perturbadores...

Puro ainda, sabia fantasiar no emtanto todas as volúpias, todos os extases...

Depois o tempo correra; tudo isso experimentara. Que desilusão amarga! Como a realidade mais bela tinha sido mesqui-

nha, tinha sido inferior aos abraços imaginarios dos seus dezas-seis ânos... Soubera-o quando pela primeira vez se encontrara só em Paris. Beijara então livremente os lábios pintados e os seios nus que apetecera com tamanho ardor. Mas esses beijos reais, deliciosos, valeram menos, muito menos, do que os grandes amplexos sonhados. E' a tragedia da alma humana — triste alma que nunca pode ter tudo quanto ambiciona: As suas conquistas, por maiores e mais completas, desiludem-na sempre — são sempre menos famosas do que imaginara antes de as possuir...

Mas a carruagem parou de subito. Monforte desceu, entrou no hotel.

Depois de escolher o quarto, imediatamente se deitou e, ás escuras, antes de adormecer, o curso das suas recordações proseguiu como se não tivesse sido interrompido. E era agora, en-

tre as outras, a viagem dourada que fizera em companhia da Julia, logo após o sucesso da *Doi-da*; que se esboçava na sua re-tentiva mais saudosa e mais ni-tida... Que mês divino em Pa-ris! De mãos dadas, num enlevo incessante, os dois amorosos ti-nham corrido a capital inteira — entrado em todos os teatros, ceado champanhe e beijos pelos restaurantes noturnos... Tudo lhe sorria nessa época radiosa: a mocidade, o amor, a gloria. . O futuro, desenrolava-se dian-te dos seus olhos como uma es-trada lisa, arborizada e clara, resplandecente... O bom tem-po... o bom tempo...

E recordando ainda outra qua-dra risonha, bem mais próxima —o triunfo da *Quimera*, a sua consagração na Cidade-Luz — o artista adormeceu por fim, ven-cido pela fadiga, torturado pela angustia...

.....

Algumas semanas se demorou em Paris o dramaturgo. Com efeito, das terras estrangeiras, era essa a que lhe proporcionava recordações mais numerosas e frisantes da desaparecida.

Todas as tardes êle saía em perigrinação evocadora, e caminhando solitario nas ruas que outróra percorrera tanta vez junto da filha, mil coisas lhe materialisavam de subito a imagem galante da morta lirial... Era um estabelecimento onde Leonor entrara e comprara qualquer frivolidade preciosa—uma joia, um frasco de essencia, um leque de rendas... E hoje aquêlê pobre pai, na sua miseria ilimitada, sentia uma vontade infinita de entrar no mesmo estabelecimento, de comprar o mesmo leque, a mesma joia, a mesma essencia... Mas via a infantilidade desse desejo; de olhos rasos de lagrimas, conti-

nuava o seu caminho, o seu calvario doloroso...

Mais duma vez, na mesma ansia, êle entrou nos grandes armazens, «paraisos das damas», onde a sua filha se encantara largas horas, quasi dias inteiros. Errando pelas vastas galerias do Louvre, do Bon-Marché, do Printemps, da Samaritana, no seu meio-sonambulismo, ouvia de quando em quando as vozes dos caixeiros a oferecerem-lhe os artigos das suas secções. Mas, ai, êle hoje não parava nunca... e dantes, detinha-se a cada passo... Como se lhe partia o coração em frente dos montões de fitas multicores que ela revolvera num enlevo com as suas mãos de santa... E as sedas que ela fazia ranger entre os seus dedos afilados, os setins maravilhosos, os veludos rutilantes, as rendas de Bruxelas... os cinturões, os véus, as echarpes douradas!...

Um dia, não se pôde conter : Vendo na montra dum perfumista da rua Royale, um par de travessas de tartaruga semelhante ao que Leonor usara nos ultimos tempos, entrou na loja e comprou-o.

Ao chegar ao hotel, abriu o estojo, colocou-o diante de si, contemplou-o serenamente alguns minutos. Mas de subito, as lagrimas irromperam e, num delirio, numa exaltação, levou as travessas aos labios, cobriu-as de beijos... Parecia-lhe aspirar nelas o perfume estranho, subtil, da cabeleira ondeante da morta precoce... Ai, as suas tranças de fogo, as suas tranças leoninas, as suas longas tranças desprendidas... que aureola de scintilações fantasticas, que manto de luz astral reverberando oiro!...

As vezes que êle a tinha visto compôr esses cabelos torrenceais, passar os dedos preguiço-

so entre essas madeixas igneas...
Pobres madeixas... Lá longe,
num jazigo solitario, entre a
podridão e os vermes, iriam
embaceando, perdendo pouco a
pouco a côr e o brilho, desfazendo-se em pó... Tristes madeixas... tristes madeixas...

E por defronte dos seus olhos,
ainda a refulgir, elas serpentearam, ondearam, verdadeiramente ondearam, num esplendor de apoteose...

Beijou de novo as travessas,
beijou-as com desespero, beijou-as como quem beija uma recordação de amor, até que por fim—voltando-lhe a razão—fechou o estojo num confrangimento horrivel, arremeçou-o para o fundo duma gaveta...

Todas as noites, depois de ter jantado vagamente, Monforte seguia pelos grandes *boulevards* que a multidão pejava, fazendo quasi sempre todo o longo per-

curso entre a Madalena e a Praça da Republica. O barulho continuo dos guisos e do trote dos cavalos dos fiacres, o som rouquenho das buzinas dos auto-taxímetros—a musica característica do *boulevard* onde só deslisam rodas silenciosas—embalava-o como uma melopeia suave e monotona. Na sua frente materialisavam-se mil aparições gentis da filha, sentia pesar o braço dela no seu braço e ouvia, na realidade ouvia, as suas perguntas, as suas observações. No rosto, esboçava-se-lhe uma ventura serena, terna e enlevada. Mas, de subito, o contacto brusco com um transeunte, qualquer ruido que destoasse, faziam-no despertar—e era então toda a sua miseria que lhe surgia implacavel diante dos olhos. Ah! a sua filha não caminhava junto dêle, não... e nunca mais caminharia... nunca mais sentiria sobre o seu, aquêlé braço frio e

duro; nunca mais admiraria aquêles corpo esbelto, aquela boca a sorrir divinamente, aquêles olhos de sonho... Nunca mais... nunca mais!... Um oceano de amargura parecia tumultuar-lhe no peito; as luzes bailavam de frente dêle em cancans alucinantes, mas o autor-dramatico continuava o seu caminho, até que de novo perdia a noção das coisas e a miragem benefica voltava...

Drama na realidade bem pungente o que desde a morte de Leonor se ia desenrolando na alma do artista! A partir de então todos os actos da sua vida eram praticados numa meia-inconsciencia, num quasi-sonambulismo. Não tinha vontade propria; arrastava-o uma força desconhecida. As ideias emaranhavam-se-lhe no cerebro como se vivesse constantemente numa embriaguez semi-lucida. Se des-

pertava dessa embriaguez o seu martirio tornava-se horrível — e assim era êle mesmo que se esforçava por não sair nunca do seu torpor.

Frequentemente tinha visões estranhas: Uma noite, antes de adormecer, pensando em Leonor, foi a imagem da Julia, a imagem esquecida da grande amante loira, que se lhe aguiarelou nas trevas, toda nua sobre um leito de rosas. *É enquanto durara a visão perturbadora nem só por um momento êle esquecera a filha.*

Entretanto, este estado de semi-inconsciencia, é que o salvara até hoje. Se as suas faculdades mentais, se não se tivessem perturbado, se êle sofresse com toda a sua razão—naturalmente não teria podido resistir ao golpe. Sobre isto meditara largas horas Paulo de Noronha que, depois de muito reflectir, de atender bem aos factos, ganhara em todo o caso a espe-

rança firme de que o tempo e o movimento curariam o seu amigo da dôr e da loucura.

Foram passando semanas. A vida de Monforte continuava a ser a mesma — sucessivas viagens dolorosas através da capital onde, radiante de vida e de mocidade, a pobre noiva se agitara tanta vez.

Uma noite, como as Folies-Bergère anunciassem a *reprise* dum bailado que, noutra epoca, êle tinha visto com Leonor, comprou um bilhete e foi assistir ao espectáculo.

No salão, durante um intervalo, emquanto tomava um cálice de conhaque, uma das muitas profissionais do amor que por ali circulavam, abordou-o. Quando o dramaturgo viu avançar para êle essa desconhecida de beiços pintados, de seios á mostra, os seus olhos scintillaram num fulgor estranho. E'

que só pelo facto duma forma feminina—aliás em nada semelhante á desaparecida—caminhar para êle, lhe parecera por momentos que tudo era sonho, que estava bem viva a filha, que era ela que se aproximava. Mas em lugar da sua voz cristalina e doce, foi uma pobre voz cansada e rouca que lhe perguntou cinicamente :

—*M'sieu, vous offrez quelque chose?*

E, maquinalmente, Luís esboçou um gesto afirmativo, arredou uma cadeira... Com efeito, aquêle corpo de mulher ao seu lado, *apenas por ser um corpo de mulher*, dava-lhe a ilusão nitida de que era Leonor que se sentava junto dêle, como outróra...

.....

Exgotadas todas as recordações que a capital do mundo lhe podia proporcionar, sempre na sua vagabundagem dolorosa, na

sua bizarra obsessão, atraído pela mesma força desconhecida e formidável—partiu para outras cidades onde alguma vez o passo gentil da morta lirial pisara as grandes ruas.

E sem saber como, um dia achou-se em Davos...

*

* * *

Suissa das montanhas, ó dama-branca dos glaciares resplandecentes, sonham contigo os noivos de todo o mundo! Eles querem percorrer-te de mãos dadas numa viagem ideal, contemplar os teus lagos de azul—ó deusa frigida, unirem as bôcas sob o teu céu iriado! Refugio dos amorosos, és também a derradeira esperança dos enfermos. Morte e amor, andam sempre juntos. Mas, ai, para os amantes surges como uma fada bemfazeja, não os enganas nunca. E

atraiçôas tanta vez os jovens das faces palidas... Eu sei... eu sei... O amor é uma ilusão, a morte uma realidade...

.....

... E Luís entrara no mesmo sanatório onde a filha, debalde, viera procurar a vida...

Os sanatórios... Como se trava bem conhecimento com toda a miseria da existencia nesses estranhos caravanserralhos que, á primeira vista, parecem hoteis vulgares, identicos a tantos outros... Agíta-se ali ansiosa uma multidão de seres febricitantes, doloridos... Quando a vida mais lhes sorria, começaram a vê-la desaparecer pouco a pouco dos seus organismos exgotados — essencia preciosa a volatilizar-se, chama bruxoleante prestes a extinguir-se. Eles querem, ardentemente querem, fazer durar a chamazinha. Lutam arquejantes; vibram-lhes os nervos, gotejam-

lhes as fronte... Tudo em vão!
Tudo em vão! A raros perdôa
a doença temível: A um que o
mal ainda não minara verdadei-
ramente... a outro de vontade
mais forte—duma dessas vontades
que fariam crescer asas. E
são estes vencedores que ani-
mam os companheiros para a
derrota. Se êles venceram, por-
que não hão de vencer tam-
bem?... Vencerão! Vencerão!...
Lá longe, nos seus países, es-
pera-os o amor, espera-os o
triunfo—o grande drama pla-
neado, o grande poema meio
escrito... E avermelham-se-lhes
as faces, o sangue gira-lhes
mais quente nas arterias... Mas
dura pouco o belo engano...
depressa surge a realidade...
Ei-los vencidos... vencidos...

.....

... E Monforte caminhava ago-
ra pela extensa galeria exposta
ao sul onde, cheia de esperan-

ças, a filha se assentara tanta vez...

Evocando mil recordações amargas, despedaçadoras, o dramaturgo seguia sempre abstracto no seu passo de automato... De subito porém, estacou... Ó maravilha! ali, bem perto dêle, junto de Cristiano, Leonor estava sentada a ler um livro... como outróra... como outróra!... Eram decerto os fantasmas, mas nunca defronte dos seus olhos surgira uma aparição tão nitida, tão semelhante á realidade... Avançou alguns passos... Cristiano—um Cristiano muito magro e palido, de olhar vitreo onde a morte já escrevera a sua sentença—quis-se erguer do fauteuil, ergueu-se com efeito, e, agitando os braços, exclamou:

—Ah! Ei-lo de volta, meu caro senhor... Pelo que vejo, a sua filha reflectiu. Como vai ela... como vai ela?...

A sua filha?... Mas a sua filha estava ali diante dêle... levantara-se... fechara o livro...

Então, vendo a estranha atitude do artista, Ussing apresentou:

—Minha irmã Magda... O sr. Luís de Monforte... o pai daquela menina, muito parecida contigo, em que te tenho falado tantas vezes...

.....
.....

Uma semana depois, Cristiano morria e—seis meses mais tarde—com um espanto inconcebível, soube o Dr. Noronha em Lisboa do casamento do seu amigo Luís de Monforte com Magda Ussing. A cerimonia realisara-se em Copenhague. Os esposos chegariam brevemente a Portugal...

VII

... E. na sua frente, êle via pois a cada instante, um rosto lindo que era o da sua filha e —nesse rosto—o mesmo sorriso enlevado, o mesmo infinito azul duns grandes olhos tristes. A morta ressuscitara!... Ilusão, sem duvida, mas uma ilusão tão nitida que valia quasi por uma realidade.

Quando o Doutor viu pela primeira vez a esposa de Monforte —êle, que tanto se abismara com esses amores serôdios, compreendeu tudo: Era inaudita a semelhança de Magda com a desaparecida—apenas uma voz menos suave e a estatura um

pouco mais elevada. Assim, evidentemente, fôra a saudade infinita por Leonor, só ela, que o tinha feito esposar a dinamarquesa. Tal facto porém, significava que Luís não se decidira a esquecer a sua dôr—a prova é que a materialisara para sempre. E essa continua recordação sobressaltou muito Noronha pelas terríveis consequências que podia arrastar.

Depois, tudo aquilo fôra tão bizarro... De alma despedaçada, o dramaturgo partira para uma viagem dolorosa. Ao cabo dela, ao cabo de alguns meses, voltara casado com uma desconhecida, com uma estrangeira longinqua de quem, no fim de contas, ignorava tudo—a família, a alma, o coração... Decididamente o caso do seu amigo era muito grave e estranho; o seu desenlace podia ser de tal forma lamentavel, que nem mesmo se atrevia a pensar nêle.

Entretanto, decorridos os primeiros meses da existencia dos esposos em Lisboa, Paulo socegou um pouco. Uma grande mudança se operara no artista. O seu rosto perdera a sua tristeza habitual; os seus olhos, o seu brilho vago e temeroso. Os unicos vestigios de anormalidade que ainda se observavam nêle, eram uns certos movimentos bruscos, umas subitas contracções nervosas, provocadas sem duvida pela recordação angustiante e repentina de qualquer facto passado.

De maneira que os receios do Doutor pareciam não ter fundamento. Monforte ia-se resignando, começava já mesmo a viver relativamente feliz. Paulo, é claro, alegrava-se e contudo, se procurasse bem, descobriria no intimo do seu coração uma ligeira magua por a dôr imensa daquêle pai não ter sido eterna, como recebera. Assim succede na

verdade. Quando uma pessoa que nós estimamos e admiramos acima de todas, sucumbe ao peso duma desgraça—se a vemos a caminho da salvação, sentimos um enorme júbilo, é certo, mas ao mesmo tempo um leve pesar, uma desilusão vaga, por essa criatura que nós julgávamos sobreumana se ter libertado da sua dôr, em vez de ter sido a escrava eterna, sublime e estoica, dessa angustia.

.....

«Misérias da alma humana!—pensava Noronha.—E' na imagem falsa da morta querida, que este homem vai encontrar um lenitivo para o seu tormento. Pobre alma humana, criança louca, sempre em busca de ilusões!... Logicamente, seria um insulto para a nossa dôr termos defronte de nós uma criatura que, sem ser a que choramos, nô-la recorda em cada gesto,

em cada traço fisionómico. E é isso afinal que nos consola!...»

«Um caso interessante o do seu amigo, de resto banal—concluía o Doutor—lembrando-se dos romances, onde era frequente um viuvo desejar e possuir uma mulher que lhe recordava a esposa—como sucedia na *Bruges la Morte*, de Rodenbach—e onde abundavam casos identicos aos do artista.

De subito, entre as suas reminiscencias literarias, occorreu-lhe certa passagem da *Dama das Camélias*; foi buscar o volume á estante, abriu-o e leu na scena III do primeiro acto:

.....
VARVILLE.—Il faut avouer que Marguerite...

NANINE.—Quoi ?

VARVILLE.—A une drôle d'idée de sacrifier tout le monde à M. de Mauriac, qui ne doit pas être amusant.

NANINE.—Pauvre homme! C'est son seul bonheur. Il est son père, ou à peu près.

VARVILLE.—Ah! oui. Il y a une histoire très pathétique là-dessus; malheureusement...

NANINE.—Malheureusement?

VARVILLE.—Je n'y crois pas.

NANINE, *se levant*.—Écoutez, monsieur de Varville, il y a bien des choses vraies à dire sur le compte de madame; c'est une raison de plus pour ne pas dire celles qui ne le sont pas. Or, voici ce que je puis vous affirmer, car je l'ai vu, de mes propres yeux vu, et Dieu sait que madame ne m'a pas donné le mot, puisqu'elle n'a aucune raison de vous tromper, et ne tient ni à être bien, ni à être mal avec vous. Je puis donc affirmer qu'il y a deux ans madame, après une longue maladie, est allée aux eaux pour achever de se rétablir. Je l'accompagnais. Parmi les malades de la maison des bains se trouvait une jeune fille à peu près de son âge, atteinte de la même maladie qu'elle, seulement atteinte au troisième degré, et lui ressemblant comme une sœur jumelle. Cette jeune fille, c'était mademoiselle de Mauriac, la fille du duc.

VARVILLE.—Mademoiselle de Mauriac mourut.

NANINE.—Oui.

VARVILLE.—Et le duc, désespéré, retrouvant dans les traits, dans l'âge, et jusque dans la maladie de Marguerite, l'image de sa fille, la supplia de

le recevoir et de lui permettre de l'aimer comme son enfant...

.....

Era exactamente o caso de Monforte. O artista caíra pois numa vulgaridade tão banal que ha muito a literatura se apoderara dela. Mas é sabido: em face das grandes angustias, as almas mais superiores valem tanto como as outras—às vezes, são mesmo as mais infantis. Apenas, o dramaturgo não amava Magda como sua filha, *amava-a como sua esposa*. Nisto porém não chegou a pensar o romanesco Doutor que, esquecendo as suas meditações, prosseguiu embevecido a leitura do velho drama.

Entretanto o tempo ia seguindo e, pelo menos aparentemente, tudo caminhava bem. De novo, pelos vastos aposentos do palacete, girava arranjada e

util uma dona-de-casa gentilíssima. A estrangeira parecia ser na realidade uma bela rapariga, um espirito franco e positivo.

Nada disto era assim. Filha duns modestos comerciantes de Copenhague, a sua juventude desenrolara-se sempre calma e enfadonha. Nunca conhecera mais do que uma mediocridade confortavel, ela, em cujo intimo tumultuavam desde a infancia as maiores ambições. Depois, nos ultimos tempos, a morte do pai e a doença de Cristiano tinham vindo agravar a situação. Magda chegara até a dar algumas lições de francês. Por isso, cheia de alvoroço, aceitara aquele casamento inesperado e soberbo que lhe surgira tão bizarramente. Não estava em plena mocidade o seu marido — passara já os quarenta — mas os seus vinte e seis ânos de rapariga pobre não podiam exigir tudo. Em summa, sob uma

falsa apparencia, a dinamarquesa era uma criaturinha como muitas outras—romanesca e futil, hipocrita e ambiciosa.

*

*

*

Entrando-se hoje naquêlê lar do dramaturgo dir-se-hia em verdade que nada de anormal acontecera. Quasi todas as noites, como dantes, viam-se na sala verde o Doutor e os seus filhos—Paulo, a um canto, palestrando com Luís; em plena luz, risonhos e barulhentos, Carlos, Gabriela e Leonor. Sómente a Leonor de hoje ria em gargalhadas mais fortes que a doutóra...

De quando em quando, no meio da sua conversa com Noronha, calava-se de subito o artista, e os seus olhos fixavam-se ardentes no grupo juvenil. Percebia bem porquê o seu amigo:

Aquêlê grupo era a ilusão nitida, a *ilusão real* de antigos tempos. Ele proprio ás vezes, ao contempla-lo, se convencia de que todo o passado fôra apenas um sonho horrivel...

Mas em breve Monforte, esboçando no rosto um sorriso de amargura, continuava a conversa interrompida.

Assim decorreu um semestre.

Principiara o âno de 1911. O escritor, que recommçara a trabalhar logo após a sua chegada da Dinamarca, tinha prestes a sair do prelo essa obra-prima singular e perturbadora do *Cêu em Fogo*. As paginas imortais desse livro, ainda que nebulosas e angustiantes, demonstravam á evidencia um espirito torturado, era certo, mas perfeitamente lucido e mais do que nunca genial.

Por isso o Doutor estava agora bem tranquilo.

VIII

Mas, ai, havia tempo já que uma alucinação monstruosa se apossara do espirito vacilante do artista. E a tragedia inconcebível fôra-se desenrolando hora a hora; principiara a grande luta—luta dum ente, possuidor ainda de todas as faculdades mentais, e que no emtanto sentia a sua alma prestes a voar, a bater asas pelo azul... a perder-se no infinito...

Com que emoção o dramaturgo vira Magda pela primeira vez! Julgando ser a filha ressuscitada que se perfilava na sua frente, que estranho calafrio lhe percorrera o corpo! *O terror*

misturara-se á sua alegria. Mas quando soubera que ela era apenas uma criatura imensamente parecida com a morta, o que experimentara tinha sido muito mais estranho: O que êle sentira defronte dessa segunda Leonor—descobria hoje horrorizado—fôra uma paixão subita, ardentissima, toda ela carnal.

Queria dizer: Ao encontrar um ente que lhe surgira como a imagem real da filha, logo lhe ocorrera uma ideia impura, logo desejara possuir esse corpo, beijar esses labios?... Impossivel! Impossivel!... Entretanto, desde que a conhecera, a sua vida tivera um novo rumo: possui-la. Sim, possui-la, tê-la sempre diante dos olhos, porque o seu rosto era aquilo que melhor lhe podia recordar a morta: toda a sua existencia se consagrara á recordação; por isso mesmo é que voltara a Davos... E como viver sempre junto dessa mulher

senão desposando-a?... Nesse caso... Ah! mas é que não fôra só por isso que êle a desposara... Não fôra... não fôra!... — reconhecia hoje aterrado.

Na ocasião, não pensara em nenhuma destas coisas, mas depois a luz, a luz temível, fizera-se pouco a pouco no seu espirito. Agora, acudiam-lhe á mente todos os pormenores da sua vida desde o encontro de Magda, e as conclusões que tirava dêles eram as mais aterradoras.

Numa exaltação constante vivera os meses que tinham precedido o seu enlace. Mas—facto singular! — só mais tarde é que soubera o que experimentara então. Um jubilo infinito lhe envolvera toda a alma— esse jubilo, porém, fôra ao mesmo tempo suave e doloroso. O corpo vibrara-lhe em continuos arrepios, o cerebro esvaíra-se-lhe; e nessa embriaguez — porque era verdade, aquilo tinha sido uma

embriaguez—a sua dôr adormecera; *consequira deixar de pensar nela.*

E a noite de nupcias, a terrível noite?... Ah! com que prazer feroz êle estreitara, êle possuira, esse corpo admiravel, quente e amoroso... como beijara essa bôca sadia, vermelha e humida... como mordera aquêles seios loiros, de pontas trigueiras e acidadas!...

Durante uma curta epoca o artista foi na realidade feliz, e esqueceu, esqueceu dessa vez por completo, toda a sua angustia...

.....

No grande leito de pau-santo, profundo como um tumulo, havia agora as mesmas lutas, havia os mesmos espasmos, os mesmos abraços doidos dos tempos da amante fulva. Natureza sensual, viciosa quasi, Magda de bom grado se prestava a todas as fantasias do marido, lhe cor-

respondia aos beijos brutais, se contorcia em violentos extases. Mas em certas noites, era tal a ansia com que Luís se precipitava sobre a sua carne nua, que ela chegava a ter-lhe medo, receando, verdadeiramente receando, que as suas mãos ávidas se lhe colassem á garganta num circulo ferreo, estrangulador. Porêem os labios do artista faziam-lhe vibrar todo o corpo em delirios supremos, e a sensação angustiosa em breve desaparecia, ou por outra: o seu prazer aumentava, era mais completo e enebriante por se lhe misturar o terror.

Passaram-se meses. Aquela paixão doentia fôra-se exacerbando cada noite. Magda sentia hoje um violento desejo de fugir a esses estranhos amplexos, de se refugiar nuns amores côm-de-rosa, mais calmos e naturais.

Uma vez tentou negar-se ao marido. Este, percebendo-lhe as intenções, agarrara-a pelos pulsos, torcera-lhos brutalmente, e esmagara-lhe os lábios com um beijo tão frenético, tão delicioso, que no mesmo instante ela tombara vencida, enrodilhada debaixo d'êlé. Os seus corpos tinham-se emmaranhado, possuído, numa furia bestial; as carnes rangeram, e os beijos daquelas bôcas não foram beijos — ah! não foram beijos! — foram mordeduras donde o sangue escorrera... Tudo acabara por um arranco supremo de goso, sibilante e profundo, que mais tinha parecido o estertor duma agonia horrível...

Na manhã seguinte, ao acordar morta de fadiga e ao ver uma grande nodoa negra no seio esquerdo, Magda lembrou-se da noite de amor, lembrou-se dos beijos ferozes, e teve medo, mas um medo real, do

amante que dormia ainda junto dela no seu sono agitado.

«O que era no fim de contas aquêlê homem? Que significava aquela violencia, aquêles impetos de luxuria, aquêles estrebuchamentos loucos? Agora mesmo, a dormir, os seus musculos tinham subitas contracções, a bôca torcia-se-lhe num *rictus* doloroso. E ela recordava-se do brilho singular que surpreendera ás vezes nos olhos de Luís, durante os amplexos. A's vezes? Quasi sempre. Eram umas faiscas vermelho-esverdeadas que, irradiando das pupilas, lhe cobriam o rosto duma luz estranha, duma luz fantastica, arripiente. Depois, entre os espasmos, nunca lhe ouvira uma palavra de amor! No entanto—coisa extraordinaria!—parecera-lhe que muitas vezes êle fazia um esforço sobrehumano para não misturar aos seus beijos, frases ardentes, impuras...

«Mas o que havia de mais singular em tudo aquilo, é que esse homem de quem ela tinha medo, esse homem que hoje abominava quasi, a atraía ao mesmo tempo, lhe comunicava a sua ansia, a sua furia, a sua alucinação—porque era verdade, êles amavam-se como dois possos...

«E daí, talvez fosse o seu cerebro que exaggerasse. No fundo tudo aquilo seria natural... Pelo menos, o melhor era não pensar mais nessas coisas...»

Espreguiçou-se e adormeceu de novo.

*

*

*

A luz fizera-se pois na alma de Monforte, pouco a pouco, á medida que o tempo correrá. E tinha sido da conjugação de mil pequenos factos—isto é, *de outras tantas provas*—que brotara um dia a evidencia apavorante.

A sua filha... a sua filha... Mas afinal era a sua filha que êle abraçava todas as noites... mas afinal eram os seios da sua filha que êle beijava... a sua bôca que êle mordia!... Era na sua carne, na carne esplendida e sagrada da propria filha, que êle saciava os seus desejos brutais de macho com cio!...

Ao ver pela primeira vez essa desconhecida, essa outra Leonor, quando muito o que teria sido natural, é que experimentasse diante dela uma ternura, um affecto de pai—a mesma ternura, o mesmo affecto que dedicava á morta. Mas não, o que êle sentira fôra pelo contrario uma ansia infinita, um desejo violento, feroz, de ver estendido, atravessado sobre o seu, o corpo ideal daquela jovem toda nua. E porque é que nunca desejara nenhuma mulher com tamanho ardor? porquê?... porquê?... Porque só nessa encon-

trara as mesmas feições da morta! Demais, a prova concludente de que fôra assim, é que êle ignorava ainda hoje toda a alma da estrangeira. Logo, o que o fizera desejar, aquêle corpo não fôra a alma que o animava, fôra apenas a carne que o constituia. Ora essa carne, a carne que o tinha atraído, modelava-se exactamente como a carne da filha. *Por consequencia êle só desejara Magda pelo que nela havia de Leonor.* Coisa horrivel, ai, mas bem real... bem real!...

Torcia as mãos com desespero, chorava enraivecido, e para mais se lhe amargurar a sua dôr inconcebivel, occorriam-lhe de subito vagas reminiscencias perturbantes... As vezes que êle tinha admirado a pobre noiva... que se embevecera contemplando a flexibilidade do seu corpo agi, bem musculado e agreste; o sol-nascente das suas longas tranças, a luz azul dos seus

olhos de infinito, a sua bôca de amor, os seus dentes crueis— toda a beleza suprema daquêle rosto de sonho... Ah! como êle se enchia de jubilo quando a passeava pelas ruas das grandes cidades, e via os homens pararem, voltarem-se a admira-la... Mas hoje, só hoje, é que percebia: Esse jubilo não era o dum pai orgulhoso, era o dum amante invejado. Com efeito, qual seria o pai que não se ofenderia se suspeitasse que os olhos dum estranho lhe estavam despindo a filha?... Emquanto que um amante, sim, esse podia lisongear-se dizendo para consigo: «Todos ambicionam esta carne, todos fantasiam as linhas impeccaveis deste côrpo nu... E este côrpo é só meu! E esta carne é só minha ... é só minha!...»

Na sua mente esbraseada começavam-lhe a surgir então lembranças mais perversas, mais sacrilegas e, entre todas, uma

mais frequente : A estranha sensação que uma noite experimentara ao descobrir no crepe da China verde da blusa de Leonor, o bico dum seio vagabundo apontando audacioso.

Ah!—concluía presentemente —é que no intimo êle desejara esmagar com os seus labios a ponta rosea desse seio... E era ela, ela, que na verdade sugava hoje nos seios dourados doutra mulher—duma mulher com quem dormia unicamente por ter um rosto igual ao da sua filha...
duma mulher que, no fim de contas, os seus olhos só queriam ver como a morta ressuscitada!...

Mas havia mais. Em Paris, á noite, sózinho no seu quarto, antes de adormecer, não se lhe esboçara nas trevas, *defronte da imagem purissima de Leonor*, a imagem sensual de Julia, toda desnudada sobre um leito de rosas? ... E a roupa intima da desa-

parecida que êle beijava sofregamente?... E o episodio das *Folies*? Essa prostituta de carne á mostra, de seios pintados, recordara-lhe a filha... Por isso a mandara sentar junto dêle, ah! e por isso se esfregara, ignobilmente se esfregara, sobre o seu cõrpo debochado!...

Infamia! Infamia! Tinha-se consumado ha muito o incesto... durava desde a morte da filha!... O quê!? Só desde a sua morte?... E a ponta do seio a enfolar a blusa? E a noite de luar? a noite de luar!?... Agora é que comprehendia — *êle agora comprehendia tudo*. Na sua quinta, descobrira uma noite, ao longe, perto do grande lago, Carlos e Leonor de mãos dadas... unin-do as bõcas... Enchera-o de alegria a scena galante, pudera-se convencer na occasião. Entretanto, quando vira aquêles labios a morderem-se—lembrava-se muito bem—o seu cõrpo va-

cilara; tivera que fazer um esforço sobreumano para escapar á vertigem, para não cair na terra. Excesso de jubilo, pensara. Hoje porém reconhecia aterrado: Não fôra o jubilo, não; fôra o ciume... o ciume!...

A duvida era impossivel: o incesto consumara-se ainda em vida da pobre noiva, da virgem liral que os seus desejos abominaveis tinham manchado para sempre!...

E todas estas divagações exacerbavam a sua furia amorosa; cada noite mordia com maior ansia o côrpo nu da estrangeira.

*

*

*

Nos raros momentos lucidos que Monforte ainda vivia, compenetrava-se bem da obsessão da sua alma. Sim, tudo aquilo era loucura. As ideias mais inverossimeis se lhe emmaranhavam no

cerebro, e dessas ideias confusas—só delas—é que porvinha a luz aterradora... Não, êle não cometera nenhum crime; nunca uma ideia impura lhe surgira diante da filha. As roupas beijadas, a desconhecida das *Folies*, a ponta erecta do seio, apenas hoje—*depois de conhecer Magda*—é que tinham a significação que lhes dava. Loucura portanto o que, á força, êle queria fazer provar a essas e a muitas outras reminiscencias longinquas.

Aliás, recordando-se de certos pensamentos singulares que outróra, a proposito de diversas coisas lhe acudiam ao espirito, o dramaturgo sabia explicar perfeitamente o que se passara no seu cerebro: Ele tinha por exemplo uma determinada opinião, uma opinião bem assente, a respeito de qualquer livro, àcerca de qualquer fenomeno social. E de subito, encontrava-se a pergun-

tar a si mesmo: «—Mas é na realidade isto que eu penso?... E se não fosse isto que eu pensasse?...» Porém, não havia dúvida, o que êle pensava era isso. Entretanto, por um desejo inexplicavel, por um «desejo de perversidade», punha-se a imaginar—*não fazia por se convencer, unicamente se punha a imaginar*—que a sua opinião era outra.

Em pequeno — lembrava-se tambem—quando via o seu querido angora, todo branco de neve, sentado ao sol no parapeto da altissima varanda do seu quarto, instintivamente pensava na dôr que sentiria se o lindo animal caísse, esmagando-se na areia vermelha do jardim. *E como a sua dôr seria imensa, êle sentira muita vez um grande desejo de precipitar o pobre gato.*

Era este no fim de contas o seu caso de hoje: Um dia conhecera uma mulher extremamente parecida com Leonor.

Defronte dela tinha experimentado uma viva emoção. No mesmo instante ambicionara vê-la sempre ao seu lado. Por isso a desposara. Desposando-a, é claro, havia de possuir o seu corpo. Possuira-o com efeito. Todo isto de resto fôra muito natural.

Porém o seu cerebro doente, abatido pelo golpe terrível, em breve se tinha posto a trabalhar. Sobreviera o mesmo desejo de perversidadē—esse desejo que Edgard Poe definiu magistralmente—e principiara a convencer-se pouco a pouco de mil ideias infames, todas falsas. Entretanto, a perturbação do seu espirito ia aumentando hora a hora. Novos factos, novas provas, afluíam a demonstrar as coisas horríveis que ideava—provas e factos aliás tão verdadeiros como essas coisas monstruosas.

Em certos momentos o dramaturgo compreendia muito bem

toda a tragedia da sua alma. Queria lutar; lutava, mas era sempre vencido. Todas as vezes que decidira encher-se de vontade, reagir e salvar-se; tinha-lhe surgido por ultimo este pensamento: «Se lhe tirassem o seu crime sofreria mais do que sofria com êle. Só o horror do seu crime o podia distraír da sua angustia».

E o delirio continuava.

Agora tinha visões abomináveis. Uma noite, fechado no gabinete de trabalho, tentando em vão escrever uma pagina, vira de repente diante dos seus olhos a mãe e a filha—a grande amante fulva e a virgem lirial—todas descompostas, a rolarem-se pelo tapete; misturando os membros, possuindo-se em deboches infernais. Depois fôra uma longa teoria de dançarinas obscenas, loiras umas, outras ruivas, trigueiras outras, cujos rostos belissi-

mos de subito se uniformisaram, transformando-se cada um no rosto da morta. Por fim, surgira uma Leonor perdida de bêbada, rindo devassamente, friccionando as pontas dos seios nus, levantando as saias, oferecendo-lhe o sexo, colando-lhe á sua bôca, ansioso e humido... Doido de pavor, êle quisera evitar esse beijo terrível. Os olhos tinham-se-lhe esgaseado, os cabelos posto em pé; todo o côrpo lhe vibrara em convulsões de epileptico. Mas uma força diabolica o acorrentava. Nem mesmo se podera erguer... E sobre os seus labios cerrados êle sentira—oh horror! deliciosamente sentira—o latejar desse sexo palpitante, ardentissimo!... Até que por ultimo, vencido, descerrara a bôca e beijara-o, sugara-o, mordera-o num delirio bestial...

Quando a alucinação hedionda terminou, Monforte extenuado

e febril, coberto de suor, reconheceu que apenas tinha beijado, que apenas tinha mordido, a folha branca do papel onde não conseguira traçar uma linha...

Loucura plena... Loucura plena!...



IX

Num ultimo lampejo de razão, o artista decidiu salvar-se. Talvez ainda fosse tempo...

A verdade simples, era esta: Ele nunca tinha desejado a sua filha; quem êle desejava hoje era uma mulher que — por uma coincidência pouco vulgar, mas em todo o caso perfeitamente natural — reproduzia no seu rosto as feições da morta. Se, por uma prova bem palpavel, conseguisse demonstrar isto a si mesmo, a obsessão terminaria.

E — coisa singular! — sempre na sua inconsciencia, o dramaturgo começou buscando com

toda a lucidez o meio de obter essa prova cabal. Achou-o depressa. Ele ignorava por completo a alma da sua esposa. Ora essa alma devia ser muito diferente da alma da sua filha. Dois rostos semelhantes, ainda se podem encontrar—dois rostos e duas almas iguais, com certeza que não. Compenetrar-se dessa dessemelhança, era ao mesmo tempo compenetrar-se de que estreitava entre os seus braços uma criatura que não tinha a alma de Leonor — logo que era inteiramente outra. Em face da diferença de duas almas, que vale a semelhança de dois corpos? Coisa alguma. O remedio era infalivel. Ia começar a applica-lo.

Mas em breve perdeu toda a coragem. Esse remedio seria infinitamente doloroso—mais doloroso do que o proprio mal. Com efeito, para que desposara êle a dinamarquesa? Para a ver

sempre ao seu lado, porque o seu rosto lhe recordava o da filha, e porque a recordação era o unico lenitivo para o seu tormento. Desde que destruisse a semelhança que existia entre as duas — e tinha sido no fim de contas o que resolvera fazer — essa recordação terminava; isto é: a dôr cruciante voltaria de novo. Depois, quando Magda lhe surgisse como aquilo que realmente era, e não como o fantasma de Leonor, êle não deixaria de a beijar com a mesma ansia. Eis a prova concludente de que apenas desejava o côrpo de Magda. No entanto, se as coisas se passassem assim, a sua angustia não terminaria. Muito ao contrario, porque em vez de ir achar o refugio para a sua dôr na recordação da morta; acha-la-hia unicamente — oh infamia! — na posse do côrpo duma mulher! Por isso mesmo — compreendia agora —

tivera muitas vezes a noção vaga e, á primeira vista, inexplicavel de que se lhe tirassem o seu crime, sofreria mais do que sorria com êle: ao seu espirito transtornado afigurava-se um sacrilegio muito maior possuir o cõrpo duma estranha do que morder o cõrpo da filha—*porque esse em todo o caso sempre era o cõrpo da sua filha.*

«De resto—concluiu por ultimo num grande desfalecimento, e desde então nunca mais tentou reagir—a verdade, a verdade terrivel, era que se por acaso sonhava com Leonor, ao acordar, via sempre junto do seu, um rosto que era o mesmo rosto lindo que lhe surgira em sonhos. E como era o mesmo rosto, tinha uma vontade imensa de o beijar. Beijava-o... Porém o que êle tinha beijado, fõra o rosto de Magda. O beijo electrificava-o e, não se podendo conter, possuia o seu cõrpo. *Mas*

êle só beijara esse rosto por ser o rosto da filha. Logo, o que realmente o tinha electrizado, fôra o beijo que dera na sua filha. O incesto! O incesto!...»

Quanto mais não fosse, sujava para sempre a memoria sagrada e purissima da virgem liral.

E as visões continuavam cada vez mais abominaveis, e cada noite êle se precipitava com maior furor sobre a carne nua da estrangeira...

*

* *

Em julho, como noutros tempos, Monforte e a esposa instalaram-se na quinta acompanhados pelo Doutor, pelos filhos deste e pelo marido de Gabriela. Com efeito, entre as duas familias continuava sempre a mesma intimidade; Gabriela e Magda tinham-se transformado em

duas companheiras inseparáveis.

Era muito agradável e risonha a existencia na bela vivenda: correrias matinaes pelas ruas floridas, horas de paz á sombra das grandes arvores, tardes de leitura nos comodos *rocking-chairs* do terraço e, á noite, longos passeios ao luar...

Depois do seu casamento Gabriela travara inumeras relações; domingos havia em que a propriedade inteira era invadida por um bando ruidoso de gente moça. No meio desse circulo juvenil, apraziam-se muitos as duas companheiras, almas futeis amantes da *vida-de-sociedade*, dessa odiosa vida das intrigui-nhas infames e dos *flirts* palermas. Tomavam parte em todos os jogos improvisados ao ar livre; saltavam, corriam frivolas e gentis; subia-lhes á cabeça o champanhe gelado no grande poço, e dançavam descompostas, com a carne palpitante e humi-

da a aparecer entre as rendas esgarçadas.

O bom Doutor condenava estes excessos. Quanto ao artista, quem o visse misturar-se á turba irrequieta, de sorriso nos lábios, de olhos brilhantes, diria com certeza: «—Eis um homem feliz!». E o proprio Noronha, julgava-o pelo menos curado da sua dôr, livre de todo o perigo...

Mas, ai, ainda que na verdade a perturbação do espirito de Monforte não transparecesse exteriormente—e sucede assim com os loucos mais perigosos—o desfecho da tragedia inconcebivel ia-se aproximando momento a momento.

Todas as noites êle estreitava o corpo nu de Magda, *sujava a memoria de Leonor*, e hoje já nem mesmo podia cerrar os dentes, possui-la em amplexos mudos para não aumentar o sacrilegio. Hoje gritava-lhe a sua

paixão, todos os seus desejos furiosos, em palavras escaldantes.

O asco que êle tinha de si mesmo... Tanto asco e tanto horror que amava e abominava simultaneamente o corpo que mordia. Quis-lhe escapar, abster-se. Foi-lhe impossível... Uma noite—oh! a medonha noite!—surgiu-lhe de subito uma ideia pavorosa: destruir esse corpo. Sim, esse corpo era a sua alucinação; desfeito êle terminaria a loucura. Esse corpo é que poluira para sempre o fantasma da filha. Por conseguinte, era esmaga-lo sem piedade... O remedio infalivel! o remedio infalivel!... Só dessa maneira poderia restituir a pureza á morta violada, só assim resgataria o seu crime hediondo. Penetrando na alma da estrangeira, como uma vez resolvera, purificaria tambem a recordação da filha. *Mas nesse caso, iria encontrar*

um refugio para a sua angustia na posse do corpo duma mulher—ideia que o horrorisava mais do que nenhuma outra. Emquanto que matar aquela carne, seria a libertação completa e definitiva. Mata-la, sim, mata-la! Matar o espectro e a criatura real.

.....

E era tão facil... Quando ela dormisse, apertaria entre os dedos crispados a sua garganta de neve... apertaria longamente, acariciadoramente... pouco a pouco... até que por fim o coração deixasse de bater... Nesse instante, defronte dos seus olhos, Leonor resplandeceria em toda a sua pureza. Aquêlê corpo era o seu crime. Seria um covarde se não o destruisse.

Uma nova obsessão começou na alma do artista. Já muitas noites estivera a ponto de realizar o seu intento. Mas contivera-se porque, no ultimo instante,

surgira-lhe sempre, até agora, um derradeiro lampejo de razão.

.....

Os dias foram correndo. Nessa noite êle tinha a certeza que não vacilaria. Um jubilo feroz se lhe apoderara de toda a alma. Ia triunfar dos espectros!

A noite estava linda. Fazia um luar esplendido. Na grande sala esteirada, após o jantar tinham permanecido Monforte, Noronha e o marido de Gabriela jogando o *whist*. As senhoras, acompanhadas por Carlos, passeavam pela quinta a gosar da suavidade inefavel dessa noite de sonho.

Terminada uma breve partida, o Doutor caiu ressonante sobre um fauteuil; o seu genro embebeu-se na leitura duma revista de medecina. O autor-dramatico, enervado e febril, saiu sem dizer nada...

Começou caminhando... Dian-

te dos seus olhos bailavam mil visões alucinadoras... Cruzavam-se grandes facas, havia mãos sangrentas virgulando o ar... Corpos nus dançavam sarabandas, e nas gargantas de todos esses corpos desenhavam-se círculos roxos—os colares sinistros dos estrangulados. Em volta dum sexo feminino escorrendo sangue e pús, zumbiam moscas fantásticas, cantaridamente verdes... Passou as mãos horrorisadas pelos olhos, foi correndo como um louco até que, sem saber como, entrou no roseiral. O perfume das flôres fê-lo voltar a si; as visões dissiparam-se... Tomou pela rua que levava ao poço do moinho. Mas de repente estacou... Tinham voltado os espectros! Ao longe, junto do grande lago descobrira — aparição gentil! — Carlos e... — não havia dúvida: Carlos e Leonor—de mãos dadas, contemplando-se meigamente. Muito discreta, Gabriela

afastara-se a mondar um pobre canteiro de lírios murchos... E sob um raio de luar que os aureolava, o dramaturgo viu, nitidamente viu como outróra, as bôcas dos dois jovens aproximarem-se, unirem-se, morderem-se...

.....
Uma nuvem cobrira a lua. A visão, *a visão real*, desaparecera... Ah! nunca triunfaria dos espectros! nunca! nunca!... *O espectro verdadeiro, o unico espectro, era a sua dôr...*

Em volta dêle havia o silencio total...

.....
Caminhou resolutto para o grande poço do moinho. Levantou a pesada porta de carvalho... A nuvem esfarrapara-se. Um raio de luar bateu na agua profunda. A agua profunda dormia silenciosa...

.....
.....

De subito, um grande choque, um ruído estridente, despedaçador, ecoando repercutido pelas paredes do poço. De novo o silêncio...

.....
.....

O arquiteto sublime, o grande construtor das torres, acumulara andares sobre andares, e a torre maravilhosa tocava quasi o céu. Quisera subir ás cumeadas... E fôra escalando sempre triunfante a ladeira da vida. Do alto da sua torre, do alto da cupula de aço refulgente, debruçava-se para ver o seu triunfo. E via a Gloria. Mas de subito houvera um bater de asas negras. Ao mesmo tempo, as nuvens aureas, turbilhonando, cegaram-lhe a vista: se olhava para a terra, o solitario do azul não via a terra; se olhava para o céu, não via o céu... Debruçou-se mais. Batiam sempre as grandes asas negras.

Louco de pavor, quís fugir,.. Precipitou-se... foi-se abismando no espaço... Em vez da luz, as trevas impenetraveis; em vez das alturas, a profundidade. Mas a profundidade e as trevas aliviam os corpos fatigados. O artista sublime descansava.

.....

.....

*

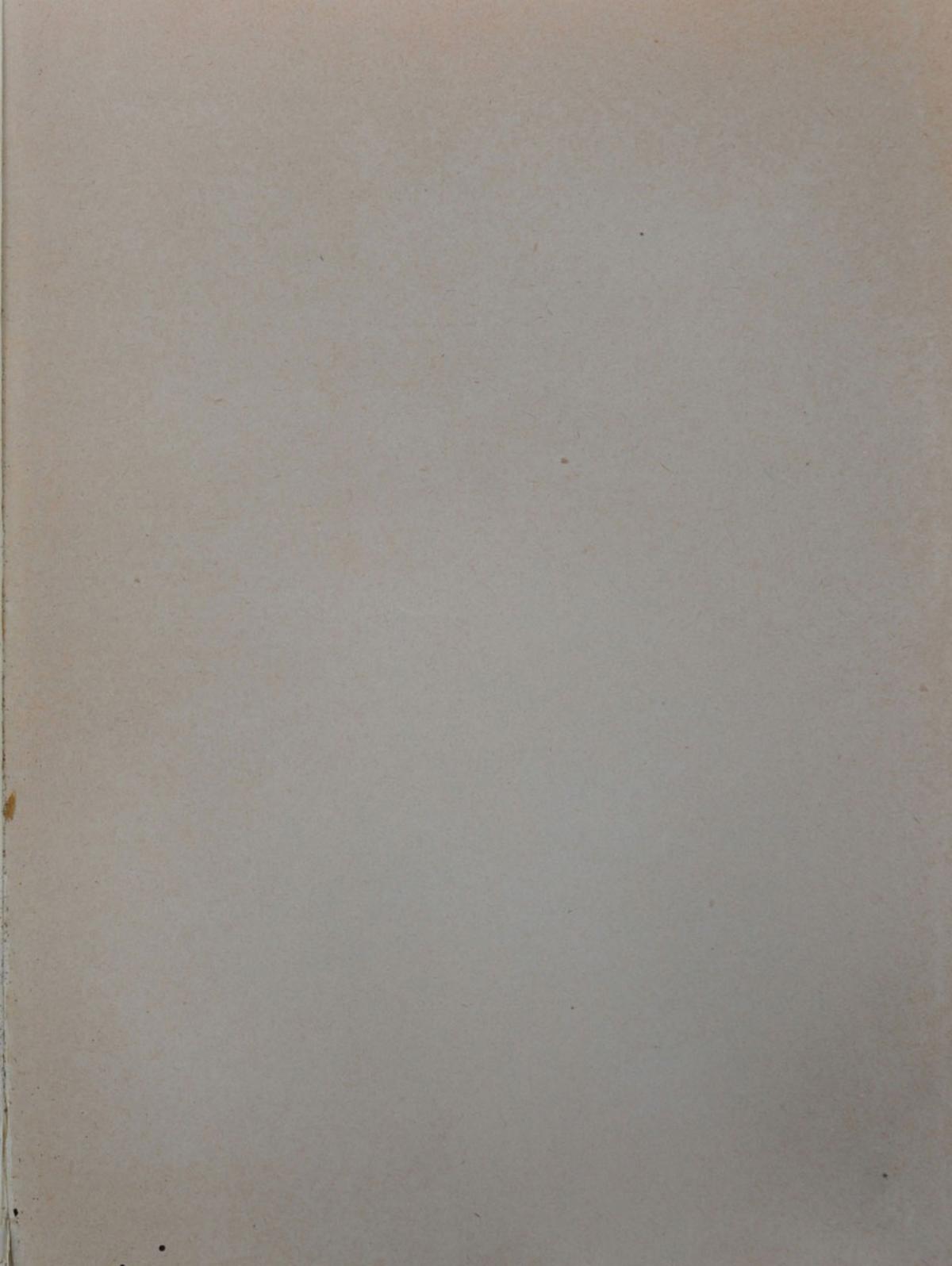
*

*

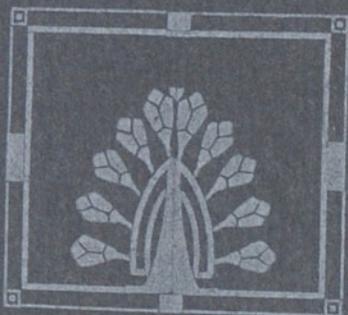
Em abril deste âno agreste de 1912, Carlos de Noronha desposou Magda Ussing—a viuva do autor-dramatico—como, ha duas primaveras, se ela não morresse, teria desposado Leonor, a filha de Monforte...

Lisboa, abril-julho 1912.

MARIO DE SÁ-CARNEIRO.



Preço: 700 réis



OFFICINAS DA
«ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»
Rua do Seculo, 43
LISBOA



